

Representações da Amazônia na relação de Carvajal: devaneio e mistificação

Prof. Msc. José Maria Pinto (UFAM)

Resumo:

A *Relacion del nuevo descubrimiento del famoso rio grande de las Amazonas* foi escrita por Gaspar de Carvajal pouco tempo após os feitos de que dá notícia, entre 1542 e 1543¹. Testemunha ocular dos fatos narrados, Carvajal pretendia com seu texto mostrar que Francisco de Orellana não traía Gonzalo Pizarro, enumerando os incidentes que resultaram numa aventura diversa do que fora planejado. A ira de Pizarro, e de muitos historiadores, era com o fato de que o acaso reservou a glória histórica ao subalterno, enquanto o comandante voltava para casa humilhado. O texto de Carvajal tem três camadas facilmente identificáveis, intercambiáveis entre si: 1 – histórica: onde se registram os fatos ocorridos, especialmente após a separação da expedição em dois grupos, relatando a descida pelo “rio de Orellana” até o mar; 2 – religiosa: onde se observa que o dominicano Carvajal pontua sua narrativa com palavras de agradecimento e louvor a sua fé; 3 – ideológica: a camada mais complexa, onde Carvajal pretende demonstrar a bravura e a lealdade de seu capitão; para tal, lança mão de artifícios que hoje reconhecemos como literários – daí o “devaneio” do título deste trabalho. A mescla desses recursos com a história revelou-se, com o tempo, um processo de mistificação que, mesmo apontado desde o início por seus críticos, encontrou guarida no imaginário popular. Servindo-nos das estratégias da Análise de Discurso, vamos apontar, dentro do texto de Carvajal, os principais pontos em que ele troca a história pela literatura, num exercício de realismo maravilhoso, culminando com a transposição do mito grego das amazonas para a região que, de tão marcada pela narrativa do dominicano, herdou-lhe o nome. São as primeiras representações da Amazônia, sob forma de relato histórico, arquitetadas ora num simulacro de fantasia literária, ora na mais deslavada mistificação.

Palavras-chave: Gaspar de Carvajal, Francisco de Orellana, Rio Amazonas, Amazônia, Realismo maravilhoso

1 Fundamentação

Para que compreendamos melhor como as camadas discursivas da Relação de Carvajal – histórica, religiosa e ideológica – se interpenetram formando um só discurso, precisamos de duas definições: a primeira refere-se à aceitação da religiosidade como uma forma de ideologia; a segunda é a própria definição de ideologia, para efetivação deste trabalho. Eni Orlandi afirma que o trabalho da ideologia é “produzir evidências, colocando o homem na relação imaginária com suas condições materiais de existência” (ORLANDI, p. 46). Para efeito da narrativa de Carvajal, considerando a defesa que ele faz de Orellana, pedimos permissão à teórica para trocar “condições materiais” por

¹ Este título, pelo qual o texto é divulgado hoje, não foi dado por Carvajal, que nomeou o rio “descoberto” como “rio de Orellana”, mas por Toribio de Medina, o primeiro a publicar em livro o texto integralmente, com os devidos créditos de autoria, em 1894, 350 anos depois de escrito. Até então, o texto fora usado por vários historiadores e comentaristas.

“condições reais” de existência. A mudança é sutil, de abrangência, colocando o sujeito Orellana no seu papel histórico, visto por Carvajal, a partir do lugar de fala deste: o de historiador, ainda que involuntário. Na sequência, a referida professora diz que a característica comum da ideologia é “dissimular sua existência no interior de seu próprio funcionamento, produzindo um tecido de evidências ‘subjettivas’, (...) nas quais se constitui o sujeito” (ORLANDI, p. 46, apud PÊCHEUX). À medida que lemos a relação, percebemos essas evidências, que “constroem” a personagem Orellana. Precisamos ainda ter em mente que linguagem e ideologia, para a Análise de Discurso, não se somam; antes, constituem um conflito, de onde o analista irá extrair seu trabalho: o de desnudar a ideologia do autor, entranhada no emaranhado polissêmico da linguagem (FREIRE, p. 15-16). Situemo-nos, pois, no contexto da narrativa, dentro da camada histórica do texto.

2 Em busca de riqueza e aventura

Com o objetivo de descobrir o País de La Canela e o El Dorado – um fim claramente comercial –, a expedição liderada por Gonzalo Pizarro sai de Quito em fevereiro de 1541, com 220 espanhóis e 4 mil servos, entre negros e índios, sendo estes maioria. No Vale do Zumaco, a 30 léguas² de Quito, vindo de Santiago de Guayaquil, onde era “capitão general e tenente governador”³, o aventureiro Francisco de Orellana, à frente de 23 homens, se junta à expedição, sendo nomeado lugar-tenente de Pizarro. Entenda-se que Orellana paga uma cota pela sua participação, tendo direito a lucro proporcional.

As primeiras palavras do texto: “Tudo que eu vou contar d’aqui por diante será como testemunha de vista e homem a quem Deus quis dar parte de um tão novo e nunca visto descobrimento, como é este que adiante direi” (CARVAJAL, p. 13)⁴.

Carvajal mescla, em três linhas, os três discursos que são as linhas-mestras do seu texto: o discurso histórico (“Tudo o que vou contar... como testemunha de vista”); o discurso religioso (“homem a quem Deus quis dar parte”); o discurso ideológico (“um tão novo e nunca visto descobrimento”). É neste último, para o qual a figura de Orellana seria a ilustração perfeita, que ele põe a ênfase. Observe-se também que a forma como Carvajal se assenhoreia da narrativa (“d’aqui por diante... adiante direi”) é a de quem vai narrar algo linearmente – o que contraria a ideia de muitos comentaristas que falam no “diário” de Carvajal. Não há um diário, mas sim uma relação – tecnicamente, um relatório, com a finalidade de informar sobre um determinado feito ou acontecimento.

A narrativa começa exatamente no ponto onde se frustra o primeiro objetivo da expedição: depois de muitas privações, eles encontram uma região onde havia muita canela, mas cuja exploração mostra-se economicamente inviável. Pizarro ordena a construção de um bergantim – barco de médio porte, movido a remos –, para seguir a exploração pelo rio, “que aí tinha meia légua de largura” (p. 14).

² Um dos editores dos *Diários* de Colombo diz que “a légua empregada por Colombo é aquela que era utilizada pelos marinheiros italianos e equivale a 4 milhas. Por convenção, a milha náutica vale 1.852 metros” (COLOMBO, p. 32). Portanto, se Carvajal usava a mesma medida, cada légua corresponde a 7.408 metros. Mas essa medida é apenas uma referência, pois não havia uma padronização internacional.

³ Informação fornecida pelo tradutor C. de Melo-Leitão (CARVAJAL, p. 13).

⁴ Todas as citações de Gaspar de Carvajal têm uma mesma fonte, mencionada nas Referências. Deste ponto em diante, citaremos apenas as páginas onde as mesmas se encontram.

É importante frisar a observação de Carvajal quanto a Orellana ser contra a construção do bergantim. Sendo contra, por que ele depois “fugiria”, com um contingente reduzido e sem provisões? O próprio Orellana foi o responsável, por ordem de Pizarro, pela construção. O barco não navegou mais que 50 léguas: a falta de alimento e o despovoamento das margens, que não ofereciam oportunidade de saques, geraram um início de motim, reivindicando-se o retorno. Orellana pede permissão a Pizarro para sair com um grupo pequeno em busca de alimentos; se ao cabo de “três ou quatro dias ou o tempo que lhe parecesse melhor” (p. 16-17) eles não retornassem, o grupo maior deveria refazer o caminho de volta. Tanto desprendimento é observado pelo cronista como um ato de bravura: “Vendo o capitão Orellana o que se passava e a grande penúria em que todos estavam, tendo por sua vez perdido já tudo o que possuía, pareceu-lhe que não seria honroso voltar depois de tantos prejuízos” (p. 16).

Pizarro concede a Orellana 57 homens. Eram os últimos dias de 1541. Dez meses já se passavam desde que saíram de casa. Após nove dias de viagem, e apesar dos esforços do Capitão em animar a tropa, o que Carvajal observa amiúde, a situação chega a um ponto crítico:

Estávamos em grande perigo de morrer da grande fome que padecíamos e assim, buscando o conselho do que se devia fazer, comentando a nossa aflição e trabalhos, resolveu-se que escolhêssemos de dois males aquele que ao Capitão e a todos nós parecia o menor, e foi ir por diante, seguindo o rio: ou morrer ou ver o que nele havia, confiando em Nosso Senhor que se serviria por bem conservar as nossas vidas até ver o nosso remédio. (p. 19)

Observe-se neste fragmento o espírito solidário do Capitão, que, sem abrir mão de sua autoridade, discute com seus comandados qual a melhor decisão para todos. Em paralelo, o discurso religioso pontua a narrativa. É importante assinalar uma recorrência do relato: a fome. Não caçavam; não pescavam; esperavam encontrar povoações que pudessem saquear. No dia 08 de janeiro ocorre o primeiro contato com os nativos, de índole pacífica. Neste ponto, tomamos conhecimento de uma habilidade de Orellana que será muito útil em toda a viagem: sua extraordinária capacidade de comunicar-se nas línguas nativas. A formação discursiva é repetida diversas vezes, com pouca variação. Alguns exemplos:

Avistando-os o Capitão, pôs-se na barranca do rio e, na sua língua, pois um pouco os entendia, começou a falar com eles e a dizer que não tivessem temor e que se chegassem, que lhes queria falar. (p. 22)
(...) O entender o Capitão a sua língua foi, depois de Deus, o que nos ajudou a não ficarmos no rio. (p. 29)

Essa virtude fora concedida aos discípulos de Cristo, conforme Marcos (16, 14-18)⁵. Não podemos ignorar o possível intertexto, até porque Carvajal não perde oportunidade de aproximar o Capitão da divindade: “E a não ser ele tão sábio nas coisas da guerra, que parecia que Nosso Senhor lhe ensinava o que devia fazer, muitas vezes nos teriam morto” (p. 54).

Como nosso propósito não é parafrasear o texto de Carvajal, mas apontar-lhe as camadas discursivas, especialmente a religiosa e a ideológica, com ênfase nesta

⁵ (...) “Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda criatura. (...) Os sinais que acompanharão os que crerem serão estes: (...) falarão línguas novas (...)” (BÍBLIA SAGRADA, p. 1.234).

última, redirecionemos o trabalho para essas camadas, alertando que, entretanto, o contexto histórico estará imbricado, com maior ou menor valor, nas passagens comentadas a seguir.

3 Hiperbólico, maravilhoso

Para atingir o âmago do maravilhoso, o maravilhoso puro, Tzvetan Todorov identifica vários tipos de narrativa onde o maravilhoso se sobressai. A narrativa de Carvajal encaixa-se a perfeição naquilo que o teórico chama de “maravilhoso hiperbólico”, onde “os fenômenos não são sobrenaturais, a não ser por suas dimensões, superiores a que nos são familiares” (TODOROV, 1992, p. 60). Por outro lado, a decisão de inflar a realidade pode ser apenas um reflexo linguístico do espanto, inconsciente, ou uma decisão consciente, que podemos atribuir a uma categoria de criação literária: o devaneio, a fantasia produzida em estado de vigília: “O devaneio é uma atividade onírica na qual subsiste uma clareza de consciência. O sonhador de devaneio está presente no seu devaneio” (BACHELARD, p. 144).

Não se trata de matéria de ficção, pois, mas sim de uma manipulação consciente da realidade; em nosso caso, histórica.

O maravilhoso hiperbólico aliado ao devaneio ocorre no texto inúmeras vezes, de sorte que vamos nos ater a um ponto que tem sido motivo de polêmica desde sempre: o superpovoamento de algumas áreas do rio Amazonas, apontado por Carvajal, mas jamais comprovado, embora alguns autores considerem que a presença do europeu na região foi o estopim de um autêntico genocídio. Comparada com a baixíssima densidade populacional que conhecemos hoje, as margens do Amazonas vistas por Carvajal parecem resultantes de um devaneio do autor. O surgimento dessa área de grande população associa-se às maiores dificuldades bélicas encontradas pela expedição, numa equação simples, mas perfeita: mais gente, maior resistência. Antes, vejamos uma hipérbole carregada de conteúdo ideológico, na construção do heroísmo de Orellana, cometida logo no segundo encontro com os nativos pacíficos:

Mas era Nosso Senhor servido que se fizesse tão grande descobrimento e que o mesmo viesse ao conhecimento da Cesárea Majestade. Por outra via nem força ou poderio humano seria possível este descobrimento, que com tanta dificuldade se realizava, sem nele por Deus a sua mão ou sem que se passassem muitos séculos. (p. 29)

Por vias transversas, Carvajal atribui o sucesso da expedição a um milagre, sem o qual “muitos séculos” se passariam para que o Marañon, ou o Amazonas, fosse navegado até a sua foz. O exagero vai por conta do conhecimento de Carvajal das lendas em torno do El Dorado, o que tornava apenas uma questão de tempo o “descobrimento”.

Nas “províncias” governadas por Machiparo, onde aportam a 12 de maio, e onde começam verdadeiramente os conflitos com os nativos, Carvajal dá conta de grandes populações:

Este Machiparo está assentado em uma lomba sobre o mesmo rio e possui muitas e grandíssimas povoações, que reúnem cinquenta mil homens, entre os trinta e os setenta anos, porque os mais jovens não vão a guerra. (...) Nossos companheiros mostravam tanta coragem que lhes parecia que não bastavam para cada qual mil índios. (p. 37-38)

Chama a atenção, além da grande quantidade de nativos, a descrição da batalha: mesmo usando armas tecnicamente mais avançadas, a superioridade numérica, um para mil, é, claramente, força de expressão, um exagero linguístico.

Foi o alferes e correu meia légua pela aldeia adentro (...) Disse-lhe tudo o que acontecera e como havia grande quantidade de comida, tanto tartarugas nos currais e tanques, como muita carne, peixe e biscoitos, tudo em tal abundância que daria para sustentar um batalhão de mil homens durante um ano. (...) Tratou Cristobal Maldonado de recolher a comida e tendo já apanhado mais de mil tartarugas (...) porque os índios eram mais de dois mil e os companheiros de Maldonado não eram mais que dez, tendo muito que lutar para se defenderem. (p. 39)

Novamente, pilhamos nosso narrador cometendo o pecado da hipérbole: como poderia Maldonado, sozinho, ter “apanhado mais de mil tartarugas”? Toda a comida ali saqueada, aliás, se coubesse nos bergantins, poderia sustentá-los até o final da viagem; mas ainda passariam muita fome. “Meia légua aldeia adentro” significa que, da margem do rio para dentro a aldeia tem mais de três quilômetros e meio de extensão, maior que a maioria das cidades da região, atualmente. Em novo confronto, a relação de um para duzentos (dez para dois mil) ainda é grande, mas é mais realista.

Começamos a navegar, sem que os índios nos deixassem de seguir e dar combate, porque destas aldeias se tinham reunido mais de 130 canoas, nas quais havia mais de 8.000 índios e por terra era incontável a gente que aparecia. (p. 43)

Nem é preciso fazer muita conta: oito mil índios em cento e trinta canoas dá mais de sessenta índios por canoa. Imagine-se o tamanho da mesma. Para efeito de comparação, pensemos que a expedição, descontando os mortos de fome e em combate, contava, àquela altura, com cerca de quarenta homens, divididos nos dois bergantins – barcos maiores que as maiores canoas.

Mas ainda nos seguiram durante dois dias e duas noites, sem nos deixarem repousar, que tanto durou para sairmos das terras desse grande senhor Machiparo, e que, no parecer de todos, teria mais de oitenta léguas, todas povoadas, que não havia de povoado a povoado um tiro de balhista, e as mais distantes, não se afastavam mais de meia légua, e houve aldeias que se estendiam por mais de cinco léguas sem separação de uma casa para outra, o que era coisa maravilhosa de ver. Como íamos de passagem e fugindo, não tivemos oportunidade de saber o que havia terra adentro. Mas segundo a sua disposição e aspecto, deve ser a mais povoada que já se viu. (p. 44)

“Aldeias que se estendiam por mais de cinco léguas sem separação de uma casa para outra” era para maravilhar mesmo o dominicano, porque nem em toda a Europa ele veria tal: uma cidade com mais de trinta e cinco quilômetros de frente. A tomar ao pé da letra o texto de Carvajal – “mais de oitenta léguas, todas povoadas” –, o rio Amazonas era, à época, um rio metropolitano...

Os devaneios de Carvajal eram compartilhados com o Capitão. Tomemos o exemplo de uma conversa, no segundo contato pacífico, com líderes indígenas que queriam saber detalhes da origem dos expedicionários:

Respondeu-lhe o Capitão, repetindo as suas palavras, e lhe disse mais que éramos filhos do Sol e que íamos àquele rio, como já contara. Disto muito se admiraram os índios e mostraram muita alegria, tendo-nos por santos ou pessoas celestiais, porque eles adoram e têm por seu deus o Sol, que chamam Chise. (p.31)

Seria aquela mentira mera recordação de histórias ouvidas no Peru?

Numa “povoação onde os índios não se defenderam”, repete-se o encontro de elementos estranhos à região: “Havia nessa aldeia um adoratório, dentro do qual estavam penduradas muitas divisas de armas de guerra e, por cima de todas, duas mitras muito bem feitas, como a dos bispos” (p. 58). “Divisas de armas de guerra”, além de “duas mitras” afiguram-se como devaneio do bom frade, que parece nostálgico de um mundo que ficara para trás, e do qual ele se distancia cada vez mais. Essa falta parece levar Carvajal a identificar nos nativos, senão a si próprio, o mundo – ou parte dele – que lhe era caro. Por outro lado, pensando na consolidação da ideia que abraçara, essa identificação valoriza aquele mundo perdido, tornando o que era naturalmente desigual em igualdade, mesmo que forçada. Aproximando os dois mundos, ainda que em um nível mitológico – o que, talvez, para Carvajal, não fizesse diferença –, o eu se reinventa no outro:

Podem-se descobrir os outros em si mesmo, e perceber que não se é uma substância homogênea, e radicalmente diferente de tudo o que não é si mesmo; eu é um outro. Mas cada um dos outros é um *eu* também, sujeito como eu. (TODOROV, 2010, p. 3)

Esse questionamento deverá ficar mais claro, embora não inteiramente respondido, no encontro de Carvajal com as amazonas, um arquétipo que tem povoado o imaginário de diversos povos há mais de três mil anos.

4 Amazonas amazonas

Carvajal prepara o encontro do seu leitor com as amazonas, usando uma conhecida técnica narrativa de suspense: espalha as informações ao longo do texto, desde o primeiro contato. No segundo contato, há nova citação, desta vez mais explícita quanto ao perigo que corriam:

Estavam os índios muito atentos, ouvindo o que o Capitão lhes dizia e lhe recomendaram que, se fôssemos ver as amazonas, que chama na sua língua *coniupuiara*, que quer dizer grandes senhoras, que víssemos o que fazíamos, porque éramos poucos e elas muitas, e que nos matariam. (...)Disse-lhe o Capitão que não podia fazer outra coisa senão passar de largo, para dar notícia a quem o enviava, que era o seu rei e senhor. (p. 30)

Se no contato inicial havia promessa de riqueza, neste há a ameaça de morte, amenizada pela declaração de paz e de lealdade para com o rei. Mas essa lealdade não poderia prescindir de observá-las “para dar notícia”, pois era fato sem precedentes, e fugir dele não era do feitio do Capitão. Numa “aldeia de medíocre tamanho”, o Capitão toma conhecimento de mais detalhes sobre as amazonas, ao interrogar a respeito da praça dos adoradores do sol, onde havia “dois leões ferocíssimos”:

Perguntou o Capitão a um índio o que era aquilo e o que significava naquela praça, e o índio respondeu que eles são súditos e tributários das amazonas, e que não as forneciam senão de penas de papagaios e

de guacamaios⁶ para forrarem os tetos dos seus adoratórios. Que as povoações que eles tinham eram daquela maneira, conservando-o ali como lembrança e o adoravam como emblema de sua senhora, que é quem governa toda a terra das ditas mulheres. (p. 51-52)

As amazonas de Carvajal eram ricas, belicosas e muito bem organizadas socialmente, ao ponto de terem súditos e tributários, que faziam de seu emblema objeto de culto.

No dia 24 de junho de 1542 dá-se, afinal, o desejado encontro: “Aqui demos de chofre na boa terra e senhorio das amazonas” (p. 58). Observe-se a organização militar imaginada por Carvajal: as amazonas já sabiam da chegada da expedição às suas terras; foram encontrá-los guerreiros homens preparados para a luta. Talvez pudesse o Capitão desviar-se do assédio incômodo, mas Carvajal mostra-o curioso:

Chegando perto, como o Capitão os quisesse trazer à paz, começando a falar-lhes e a chamá-los, riram-se eles e faziam burla de nós; aproximavam-se e diziam que andássemos, pois ali abaixo nos esperavam, para prender-nos a todos e levar-nos às amazonas. (p. 59)

O Capitão, “ofendido com a soberba dos índios”, ordena o ataque, dispersando os índios que “voltaram para a aldeia a dar notícia do que tinham visto”. Mesmo conhecendo o perigo, ordena o Capitão o saque a uma aldeia – no centro da qual se reunia “uma multidão” –, com uma finalidade, digamos, previsível: “para buscar comida”. Assim que chegaram em terra, foram devidamente recepcionados: “parecia que choviam flechas” (p.59).

Apesar da defesa de balheteiros e arcabuzeiros, a superioridade numérica dos índios desta vez prevaleceu: “Foi isto causa de que nos fizeram tanto mal que antes que saltássemos em terra já tinham ferido a cinco dos nossos, dos quais eu fui um deles, levando uma flecha na ilharga, que me chegou ao vazio e se não fossem os hábitos, ali teria ficado.” (p. 60) O texto não é claro. Este primeiro ferimento, pelo que se depreende da leitura, não tirou o frade de combate. Talvez o tenha ferido de raspão, apenas, protegido pelo hábito, feito de um tecido muito espesso.

Após “mais de uma hora” de combate, os índios pareciam redobrar o ânimo, mesmo tropeçando em seus próprios mortos. Vejamos o depoimento de Carvajal para explicar tanto ímpeto e selvageria, naquele parágrafo que é o mais importante de todo o texto, pela sua historicidade:

Quero que saibam qual o motivo de se defenderem os índios de tal maneira. Hão de saber que eles são súditos e tributários das amazonas, e conhecida a nossa vinda, foram pedir-lhes socorro e vieram dez ou doze. A estas nós as vimos, que andavam combatendo diante de todos os índios como capitãs, e lutavam tão corajosamente que os índios não ousavam mostrar as espáduas, e ao que fugia diante de nós, o matavam a pauladas. Eis a razão porque os índios tanto se defendiam. (p. 60)

Primeiro, deve-se atentar para o estilo de Carvajal, quando enfatiza o que já fora dito antes sobre súditos e tributários, bem como sua conhecida vinda, pelo que “foram pedir-lhes socorro”. Agora o ponto do devaneio, que, com o tempo transformou-

⁶ Da família dos papagaios: “talvez araras ou jandaias” (p. 51, em nota do tradutor).

se em mistificação: “e vieram dez ou doze”. Estas cinco palavras ecoam ainda hoje na memória coletiva da Amazônia: dez ou doze mulheres-guerreiras! Atuando “como capitãs”, os índios “não ousavam mostrar-lhes as espáduas”, e os que o faziam eram inapelavelmente mortos a pauladas. E Carvajal dá o seu testemunho para a eternidade incrédula: “a estas nós as vimos!”. Ainda que aquelas mulheres-guerreiras fossem de uma tribo só de mulheres, “dez ou doze” representam uma amostra, apenas – insignificante, aliás –, diante do arcabouço mental do mito, que tomava forma a partir daquele depoimento.

Estas mulheres são muito alvas e altas, com o cabelo muito comprido, entrançado e enrolado na cabeça. São muito membrudas e andam nuas em pelo, tapadas as suas vergonhas, com os seus arcos e flechas nas mãos, fazendo guerra como dez índios. (p. 60.)

A descrição não bate com nenhum biótipo feminino da região; mas, alvas, altas e fortes, bem que poderiam ser europeias – o padrão de beleza com o qual Carvajal estava familiarizado. Se pensarmos nas Afrodites renascentistas, poderiam ser gregas. As dez ou doze mulheres-guerreiras deixaram os bergantins de tal forma que “pareciam porco-espinho”, de tanta flecha. Interessante é que ainda encontravam tempo para matar a pauladas os vassalos covardes. Uma nota de decepção é registrada ao final do encarniçado combate: “Foi Nosso Senhor servido dar força e coragem aos nossos companheiros, que mataram sete ou oito dessas amazonas, razão pela qual os índios afrouxaram e foram vencidos e desbaratados com farto dano de suas pessoas” (p. 61). As duas a cinco *coniupuiaras* que sobreviveram e fugiram frustraram o Capitão, que desejava, certamente, capturá-las, para mostrá-las a El Rei. Entretanto, prenderam “um índio trombeteiro, de cerca de trinta anos de idade, que começou a contar ao Capitão muitas coisas do interior da terra”. Para compensar o dano de não haver aprisionado uma autêntica amazona, “o Capitão o levou consigo” (p. 61).

Nesse ponto da viagem, na foz do rio que hoje chamamos de Nhamundá, um Carvajal angustiado calcula que diste “mil e quatrocentas léguas, antes mais do que menos”, desde o ponto em que deixaram Pizarro – “e não sabemos ainda o que falta daqui até o mar”. Estafados, os espanhóis deixam-se “ir à garra”⁷, quando sofrem novo ataque de índios emboscados: “só a mim feriram, que me deram um flechaço num olho, que passou a flecha para o outro lado” (p. 62). Entre aqueles índios já não estavam as amazonas; tratava-se, aliás, como Carvajal deixa bem claro, de uma outra aldeia. Mas, como estavam relativamente próximos ao lugar do conflito anterior, podemos supor que eram súditos machos das *coniupuiaras*. É preciso enfatizar, entretanto, que, ao contrário do que reza o credo popular, Carvajal não foi ferido pelas amazonas. A propósito, analisemos esse ferimento, a partir das palavras do próprio narrador: “um flechaço no olho”, poderia ser mera hipérbole; um fragmento que o atingisse poderia levá-lo àquela expressão. O problema reside no trecho “que passou a flecha para o outro lado”. Aqui não temos como interpretar as palavras de Carvajal, a não ser literalmente: a flecha penetrou na órbita ocular de um dos olhos do cronista, atravessando sua caixa craniana, transpassando-a, até o ponto posterior à referida órbita. O estrago não seria apenas no olho! Claro que se trata de um outro milagre; sem dúvida, o mais sensacional de todos. Mas Carvajal é um homem de fé, e conhece suas limitações humanas, tanto que nem admite o maravilhoso do acontecimento, refletindo sobre ele com uma humildade dominicana: “Desta ferida perdi um olho e não estou sem fadiga e falta de dor, posto

⁷ À deriva, ao sabor da correnteza; “de bubuia”, como se diz na região.

que Nosso Senhor, sem que o mereça, me quis conservar a vida para que me emende e o sirva melhor do que até aqui” (p.62). A narrativa segue com a mesma riqueza de detalhes de antes. Carvajal não volta, em nenhum momento, ao assunto do ferimento que lhe roubara um dos olhos.

5 O mito redivivo

O mito das Amazonas remonta a Heródoto, no século VI a.C.:

Nas margens do Thermodon, perto do mar Negro, viviam tribos de mulheres guerreiras, as Amazonas, que tinham invadido uma grande parte do Oriente Próximo, apoderando-se de Éfeso, Esmirna, Pafos e outras cidades. (MAGASICH-AIROLA e DE BEER, p. 155)

Virgílio, na *Eneida*, coloca Pentesileia, a rainha das Amazonas, lutando ao lado dos troianos. Um dos doze trabalhos de Hércules foi tomar o cinto de Hipólita, rainha das Amazonas. Alexandre Magno as visita no Thermodon. Marco Polo, no século XIII de nossa era, dá testemunho do reino de Resmacoron, fronteira com a Índia, onde havia uma ilha habitada exclusivamente por mulheres e outra por homens. Colombo anota em seus *Diários* notícias sobre a existência de ilhas similares na América – que, então, ele pensava ser a Ásia. Na segunda viagem à América, a frota de Colombo chega a ser atacada por uma “nuvem de flechas” lançadas por “um grupo de mulheres”, nas Antilhas. Antonio Pigafetta, cronista da expedição de Magalhães, também escreve sobre uma ilha só de mulheres. Gonzalo de Oviedo, na sua *Historia General y Natural de las Indias*, menciona a existência, nas terras do Novo Mundo, de regiões onde as mulheres “são senhores absolutos (...) e praticam armas (...) como essa rainha chamada Orocomay.” De Colombo para cá, nenhuma narrativa sobre as amazonas é tão extraordinária quanto a de Carvajal – pois ele, somente ele, as viu (MAGASICH-AIROLA e DE BEER, p. 157-170).

Mas as amazonas, o eldorado e o país da canela são apenas alguns dos mitos transladados para o continente americano: o Paraíso Terrestre era um dos objetivos de Colombo, que acreditou estar muito próximo a ele; os índios da América foram tomados pelas tribos perdidas de Israel; a Fonte da Juventude foi em vão procurada; ilhas fabulosas e seres fantásticos também povoaram a imaginação de viajantes e cronistas. Para aqueles aventureiros, todas as fantasias poderiam se tornar realidade no Novo Mundo. Adaptando-se a classificação de Vico relativa às três idades pelas quais passou a humanidade, inferimos que os europeus já estavam na *idade dos homens*, mas não se desvencilhavam da memória maravilhosa das aventuras vividas na *idade dos heróis* – para tanto, precisavam encontrar um lugar onde ainda se vivia na *idade dos deuses* (VICO, p. 24).

Continuemos nossa viagem. Na noite do dia 25 junho, as embarcações ancoraram “já fora de qualquer povoação, em um carvalhal, que havia em uma grande planície, perto do rio” (p. 65). Nesse pouso, resolveu o Capitão interrogar, o “índio trombeteiro”, capturado durante a refrega com as amazonas, “porque já o entendia por um vocabulário que havia feito”. Em menos de 24 horas, portanto – sem dormir e, talvez, sem se alimentar, verdadeiramente extenuado –, o intrépido Capitão Orellana ainda tivera forças – e tempo! – para aprender novo idioma.

Após explicar que aquelas mulheres residiam no interior, “a umas sete jornadas da costa”, e por ser o senhor daquelas terras súdito delas, por isso “tinham vindo

guardar a costa” (p. 65-66), o índio foi submetido a um interrogatório, onde se sobressai um estilo enxuto e conciso, divergente do Carvajal um tanto prolixo e às vezes confuso com o qual nos acostumamos ao longo da narrativa. A formação discursiva adotada pelo dominicano consiste num empilhamento de frases, seguindo um padrão muito parecido com um moderno interrogatório policial: “Perguntou o Capitão (...) Respondeu o índio (...)” ou “Perguntou o Capitão (...) Disse o índio (...)” (p. 66-67). Como resultado, temos um inventário dos elementos constitutivos do mito das amazonas.

Citemo-los, na ordem em que aparecem no texto: aquelas mulheres não são casadas; vivem no interior, longe da costa; pelos nomes, o informante sabia de setenta aldeias só de mulheres, e os contou diante de todos; essas aldeias são de pedra e têm portas; de uma aldeia a outra há caminhos cercados de um e outro lado e de distância em distância, com guardas, para que ninguém entre sem pagar direitos; elas engravidam e parem; elas coabitam com índios, de tempos em tempos; quando lhes vem o desejo, promovem uma guerra e trazem os homens que lhes agradam; quando emprenham, mandam-nos de volta às suas terras; se nascer um menino, o matam e o mandam ao pai; se é menina, a criam com grande solenidade e a educam nas coisas da guerra; entre todas as mulheres, há uma que domina e tem todas as demais debaixo da sua mão e jurisdição, a qual se chama **Conhori**; há em suas aldeias imensa riqueza de ouro e prata; as senhoras principais possuem um serviço todo de ouro ou prata, enquanto as plebeias se servem em vasilhas de pau ou de barro; na capital ou principal cidade, onde reside a senhora Conhori, há cinco casas muito grandes, que são adoratórios e casas dedicadas ao sol, chamadas *caranaí*; essas casas são assoalhadas no solo à meia altura e os tetos são forrados de pinturas de diversas cores; nessas casas, elas têm ídolos de ouro e prata em figura de mulheres, e muitos objetos de ouro e prata para o serviço do sol; elas andam vestidas de finíssima roupa de lã, porque há nessa terra muitas ovelhas do Peru; seu trajar é formado por umas mantas apertadas dos seios para baixo, o busto descoberto, e uma espécie de manto, atado na frente por cordões; usam os cabelos soltos até o chão, e na cabeça, coroas de ouro, da largura de dois dedos; usam como animais de carga uma espécie de camelo e outros animais não identificados, do tamanho de um cavalo, com a pata fendida; há nos seus domínios duas lagoas de água salgada, de onde tiram sal; ao pôr do sol, os machos de passagem devem sair da cidade; as províncias limítrofes lhes são sujeitadas e pagam-lhes tributos; as nações com as quais fazem guerra – e que lhes garantem a continuidade – são homens altos de corpo e muito brancos. Tudo o que foi referido pelo informante ele viu muitas vezes, como homem vassalo, que ia e vinha diariamente.⁸

Eximimo-nos de comentar ponto a ponto, por ser ocioso tal detalhamento. Vamos ao que salta aos olhos. As súditas de Conhori dividem-se em setenta aldeias, formadas de casas de pedra, assoalhadas e forradas, onde há muita riqueza de ouro e de prata, metais usados inclusive para a baixela. Todos esses detalhes são índices de civilização. Vestem-se de “finíssima lã”, em modelos muito sensuais – também índices de civilidade, um e outro –, com os cabelos soltos até o chão, sob uma espessa coroa de ouro. Comparando com o que vimos anteriormente, seu figurino de guerra adapta-se em conformidade com a situação, pois é quando “andam nuas em pelo”, e trazem o cabelo muito comprido “enrançado e enrolado na cabeça”. Outro índice de civilidade, sem o qual um europeu não poderia imaginar poder viver: o sal, que brota de maravilhosas e

⁸ Trata-se de um resumo do texto (p. 66-67), onde se procurou manter a estrutura frasal e o vocabulário usados pelo autor.

improváveis lagoas. Finalmente, como poderiam aquelas mulheres tão nobres e formosas procriar com os selvagens acobreados que habitavam as margens do rio de Orellana? O devaneio de Carvajal trata de arranjar-lhes parceiros “altos de corpo e muito brancos”. Mas Carvajal não tirou essas personagens do nada: na segunda parada, quando se construiu o segundo bergantim, ele anotara: “Nesse íterim vieram ver o Capitão quatro índios, tendo de altura um palmo a mais que o mais alto cristão. Eram muito brancos, de cabelos bastos que lhes chegavam até a cintura, com roupa e joias de ouro, e trazendo muita comida” (p. 33). Para o leitor atento, ali se atava mais um fio da trama.

Carvajal, com displicência, não parecia muito entusiasmado com o depoimento do súdito de Conhori: “Tudo o que este índio disse, já nos haviam contado a umas seis léguas de Quito, porque ali falam muito nestas mulheres” (p. 67).

Sergio Buarque de Holanda cita Francisco de Xerez – autor de *Verdadera Relación de la Conquista del Perú*, impressa em 1534, oito anos antes da aventura liderada por Orellana – que “menciona expressamente as ‘casas do sol’ existentes em toda aquela província”. Algumas dessas casas eram de pedra, chapeadas “não só de prata como de ouro”. Xerez também comenta o farto uso de penas de papagaios como adorno. Holanda completa:

Dos caminhos diz também Xerez que eram cercados de taipa dos dois lados e em alguns lugares havia a casa do guarda, encarregado de arrecadar a portagem. Nenhum viajante pode entrar nem sair por outro caminho, levando carga, senão por aquele onde haja guarda, e isso sob pena de morte. Os serviços de prata e ouro seriam frequentes entre a gente principal. (HOLANDA, p. 34, apud XEREZ)

Como autor de um bom enredo, Carvajal usa as histórias ouvidas para dar credibilidade a sua história: o que o índio contava já era sabido de todos, logo não havia porque duvidar do que ele relata – era apenas uma forma de consolidar, numa única, todas as histórias anteriores. Em outras palavras: o “índio trombeteiro” nem precisava ter falado, para que a história, que o antecede, existisse exatamente como Carvajal a conta.

6 Conclusão

A narrativa de Carvajal é a semente da qual brotou o mito, envolto em polêmica e mistérios. Há gente séria que acredita poder achar, ainda hoje, as provas de que Carvajal não aumentou em muito a realidade que vivera. Ao longo do tempo, foram várias as tentativas de esclarecer o mito: um século depois de Orellana, Acuña fala das Amazonas com fé inabalável; Walter Raleigh, no século XVI, que descreveu animais fantásticos na Amazônia e anunciou ter descoberto o El Dorado, situou com precisão as terras das Amazonas; La Condamine, em 1745, acreditando que uma mentira tantas vezes repetida torna-se verdade, admite que “todas essas informações tendem a confirmar que houve neste continente uma república de mulheres que viviam sozinhas, não havendo homens entre elas” (MAGASICH-AIROLA e DE BEER, p. 185, apud LA CONDAMINE, p. 84-85); Alexander Von Humboldt, mais cuidadoso, no início do século XIX, observa que:

A fascinação pelo maravilhoso e o desejo de embelezar as descrições do novo continente através de alguns traços extraídos da Antiguidade Clássica contribuíram para que se atribísse uma grande importância

aos primeiros relatos de Orellana. Vários autores pensaram encontrar nos povos recentemente descobertos tudo o que os gregos nos ensinaram sobre a primeira idade do mundo e sobre os costumes dos bárbaros. (MAGASICH-AIROLA e DE BEER, p. 187, apud HUMBOLDT, p. 127-131)

Devaneio ou verdade, mito ou mistificação – a relação de Carvajal é o texto fundador da literatura feita na Amazônia. Os seus possíveis excessos fazem parte da nossa história e da nossa memória. Se não é ficção, também não é história – talvez seja um livro de amor: amor pela aventura; amor por seu Capitão; amor por seu Deus; amor pela sua Ordem, da qual ele foi líder influente.

O Brasil, e o Amazonas, em particular, devem à memória de Carvajal uma edição nova, traduzida diretamente dos originais, cotejada com as anotações do próprio Orellana, as crônicas de Oviedo e outras obras de vulto que mantiveram uma relação dialógica com *Descobrimento do rio de Orellana*. Certamente, pouca novidade trará essa nova edição, mas consolidará uma obra que, gravada no bronze da memória, deve ser eternizada. Como o mito que ela fundamentou.

Referências Bibliográficas

1. BACHELARD, Gaston. *A poética do devaneio*. Tradução: Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
2. BÍBLIA SAGRADA. Coordenador Geral: L. Garmus. Edição Vozes/Círculo do Livro, 1982.
3. CARVAJAL, Gaspar de. *Descobrimento do Rio de Orellana*. In: *Descobrimientos do Rio das Amazonas*. Tradução: C. de Melo-Leitão. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1941.
4. COLOMBO, Cristóvão. *Diários da descoberta da América*. Tradução: Milton Persson. Porto Alegre: L&PM, 2010.
5. FREIRE, Sérgio Augusto. *Conhecendo Análise de discurso – Linguagem, Sociedade e Ideologia*. Manaus: Valer, 2006.
6. HOLANDA, Sergio Buarque de. *Visão do paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. São Paulo: Brasiliense; Publifolha, 2000.
7. MAGASICH-AIROLA, Jorge; DE BEER, Jean-Marc. *América Mágica: quando a Europa da Renascença pensou estar conquistando o Paraíso*. Tradução: Regina Vasconcellos. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
8. ORLANDI, Eni. *Análise de Discurso: Princípios & Procedimentos*. Campinas: Pontes, 1999.
9. TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: A questão do outro*. Tradução: Beatriz Perrone-Moisés. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
10. TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. Tradução: Maria Clara Correa Castello. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.
11. VICO, Giambattista. *Princípios de uma ciência nova*. Tradução: Antonio Lázaro de Almeida Prado. São Paulo: Abril, 1974.